

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Thassia Souza Emidio

Francisco Hashimoto

UNESP - FCL Assis

Resumo: O uso da mitologia como recurso na construção do pensamento freudiano e as contribuições pertinentes ao uso destes são focos de relevância para o desenvolvimento dos estudos psicanalíticos. Trata-se aqui, primeiramente de discutir a concepção e conceituação de mito e mitologia; a seguir percorrer o percurso freudiano e compreender os diversos argumentos utilizados pelo autor ao estabelecer a conexão mitologia- psicanálise na construção do pensamento psicanalítico, procurando evidenciar os aspectos desta ligação e as possibilidades de entendimento e a reflexão dos conceitos psicanalíticos que as narrativas mitológicas proporcionam.

Palavras-chave: Freud; mitologia; psicanálise.

As narrativas mitológicas fazem parte do temas centrais da teoria psicanalítica desde a sua origem. Por um lado podemos olhá-los como objetos de análise, e por outro como formas de sustentação dos conceitos freudianos e suas idéias. Uma maneira encontrada por Freud para demonstrar que suas descobertas iam além da singularidade de cada paciente, elas eram representantes das grandes questões humanas e o mito a forma de expressão desta relação entre o singular e o universal, um espelho da humanidade, do universalmente humano. Este artigo, pretende refletir e discutir esta relação entre mitologia e psicanálise, abordando as contribuições importantes trazidas pelos estudos dos mitos para a construção do saber em psicanálise. Pretendemos então neste trabalho, buscar dentro das obras de Freud quando o autor utiliza dos preceitos mitológicos para explicitar seus conceitos, buscando então a compreensão da presença destes conteúdos na construção do pensamento psicanalítico do autor.

Os antigos gregos foram especialmente preocupados com o pensamento e com a arte. Refletiram sobre os problemas eternos e procuraram explicá-los criando uma fantástica mitologia, isto é, um mundo cheio de deuses e mitos, seus feitos e histórias.

Assim instituíram a religião e dramatizaram o universo, povoando-o com seu sem número de deuses hierarquizados e incumbidos das mais diversas atividades em semelhança com as atividades e ocupações dos mortais. A criação da mitologia para explicação de questões da humanidade é considerada pela sociedade atual uma das mais brilhantes idéias de toda a civilização. Os mitos falam à humanidade e podem sempre ser atualizados e contextualizados, despertando o interesse de diversas áreas do conhecimento.

A mitologia não obedece a essas regras de tempo, espaço e ação; se expressa sem estar situada em um contexto de tempo, sem um lugar próprio, e tal como a Psicanálise, que pontua que os pensamentos, sonhos ou atos psíquicos podem deslocar-se, condensar-se, e por estarem ligados a conteúdos inconscientes, possuem também um caráter atemporal. Essas são essas características que tornam a mitologia universal e faz com que ela possa falar sempre, sobre diversos assuntos e situações, podendo se fracionar ou multiplicar e se deslocar livremente em inúmeros episódios. Eliade(1972,p.30) pontuou:

Em nenhuma outra parte, vemos como na Grécia, o mito inspirar e gerar não só a poesia épica, a tragédia e a comédia, mas também as artes plásticas; por outro lado, a cultura grega foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise da qual ele saiu realmente “desmitizado”. A ascensão do racionalismo jônico coincide com uma crítica cada vez mais corrosiva da mitologia clássica, tal qual é expressa nas obras de Homero e Hesíodo. Se em todas as línguas européias o vocábulo mito detona uma ficção é porque os gregos o proclamaram há vinte séculos.

Para o referido autor, mitos são histórias verdadeiras ocorridas em um tempo primevo, mas que possibilitam por outro lado, pontuar que são sempre representações coletivas que proclamam uma explicação do mundo.

Os mitos traduzem o mundo, falam de suas transformações, traduzem a vida e revelam a sua complexidade. São essas representações coletivas que nos levam a pensar na complexidade do mundo e da interação do homem com a totalidade, a mitologia estuda os mitos e, portanto, estuda essas representações do mundo e as concebe como histórias que trazem em si uma verdade, embutida, disfarçada pelo caráter mágico e

grandioso do mito, mas que se mostra presente quando traduzida sua mensagem. (ELIADE,1972).

Campbell (1990) dizia que os mitos são histórias da nossa busca da verdade, do sentido e do significado, através do tempo. A necessidade de contar histórias é tão antiga que muitos autores consideram que ela deve ter nascido com o próprio homem. Todos nós precisamos contar a nossa história, compreendê-la, os mitos foram construídos por nossas buscas interiores, de nossa necessidade de responder aos próprios mistérios e de buscar entendimento do que nos é apresentado e vivenciado.

Assim, nesta busca de compreensão da humanidade, os mitos possibilitam que os mesmos temas se espalhem por todo o mundo, passem de uma sociedade para a outra, repitam-se em novas combinações, permitindo entender que a humanidade é única e que eles procedem de uma origem comum.

Isto nos leva a considerar o que definiria então o conceito de mito. Eliade (1989) pontuou que a definição que engloba o conceito de mito é a de que o mesmo trata de uma história sagrada que relata um acontecimento em um outro tempo, remetendo aos primórdios do mundo. Para o autor, o mito refere-se sempre a criação, seja do mundo ou de qualquer outra parte dele, criação produzida por seres divinos, sobrenaturais. (ELIADE,1989).

As narrativas mitológicas capturam facilmente seus leitores e seus relatos possuem um caráter excitante e reflexivo permitindo que nos apropriemos de suas histórias e assim reflitamos sobre nossas próprias questões.

Campbell(1990) ao falar do mito e de função na cultura colocou sobre sua grande capacidade de capturar conteúdos humanos e de se apropriar desses conteúdos. Assim pode justificar a sua grande importância na como representante da vida humana e como apoio nesse caminhar que é a experiência de estar vivo se torna uma experiência vital no conhecimento do que realmente é importante e faz sentido para o desenvolvimento humano e para a constituição do indivíduo no mundo em que faz parte.

O mito pode ser considerado então a pista, a ajuda para procurarmos as questões que movimentam a humanidade, e que faz com que isto tenha ressonância no nosso interior e na nossa realidade, uma experiência de sentidos.

A leitura dos mitos nos propicia o aprendizado e a percepção de que podemos nos voltar para nós mesmos, e ainda nos ajuda a colocar nossa mente em contato com a experiência da vida e de sermos protagonistas de nossa própria história.

A mitologia nos ensina o que está por trás das artes, ensina-nos sobre nossa própria existência, é um assunto vasto, um alimento para a vida e para o nosso olhar sobre ela. Ela simboliza os rituais de passagem, as fases e os estágios que cada um passa no decorrer de sua existência (Campbell,1990).

Os mitos oferecem modelos de vida e esses modelos oferecidos estão sujeitos a todos os tipos de leituras, pode-se olhar os mitos de diversas formas e colocá-los sobre variados enfoques. Os modelos oferecidos por eles precisam sempre ser adaptados, contextualizados nos novos tempos, pois o que era aceitável há anos atrás hoje já não é mais, as virtudes e os vícios se alteraram, muitos até mesmo trocaram de posicionamento e as necessidades morais precisam ser atualizadas com as necessidades atuais.

Podemos considerar então que uma das funções do mito é a de espelho da vida humana e que tem em uma tomada de consciência que encontra uma expressão simbólica. É a função que vai elucidar a que o mito está ligado e lidará com as questões do amadurecimento do indivíduo, da dependência, da maturidade e da morte e de como ele se relaciona com a sociedade e se insere no seu meio, ou seja, como dá sentido à sua experiência de vida.

No contexto da psicanálise, os mitos também são muito buscados e utilizados. Freud enquanto pesquisador e médico foi um homem de grande reconhecimento humanístico, que aliado ao judaísmo e a um profundo interesse pela arqueologia e pela literatura, recorreu a eles diversas vezes, enquanto inspiração, explicitação e fundamentação, para criar e divulgar seus conceitos e teorias. “A sabedoria psicanalítica, uma vez consolidada, apressou-se a fornecer provas da sabedoria e da lógica profunda dos relatos míticos.” (Lewcrowicz, 2006,p.75)

Para a psicanálise, os mitos são os marcos da humanidade que podem ser considerados símbolos da cultura e também do caminho do inconsciente para o consciente, ou seja, para a formação da consciência. Desta forma, evidencia-se o papel do mito dentro do contexto psicanalítico. Eles nos permitem pensar nas marcas da humanidade, no caminho, na experiência de estar vivo, enfim, na constituição do mundo e dos indivíduos como sujeitos. Os mitos são como uma metalinguagem, um modo de significação, um símbolo.

A união da mitologia e dos estudos da psicanálise possibilita diversos estudos e reflexões. A mitologia olha e fala sobre a humanidade, a Psicanálise busca o entendimento do homem, da mente humana, da vida; ambas buscam o desvelamento do que está encoberto na mente.

Nesta perspectiva, Mezan(1985,2002,p.16) ao falar da relação entre mitologia e psicanálise pontuou: “O recurso à Grécia Clássica prova assim a existência de conteúdos semelhantes em outra época e em outro lugar, e sua elaboração no mito e na literatura demonstra o alcance universal da descoberta” .

Desta forma, podemos considerar que mitologia e psicanálise constituem, em conjunto, um campo fértil para a leitura do humano, da vida e de suas mais variadas representações. Esse campo possibilita que elas falem para qualquer época e possam ser inseridas em diversos contextos, pois não obedecem às leis do tempo- espaço- ação, são livres, para se agregarem, se modificarem e se unirem nas mais diversas combinações e produzirem assim, o conhecimento e propiciarem grandes reflexões.

Mitologia e Psicanálise propiciam essas grandes reflexões uma vez que o caráter atemporal do mito e as possibilidades de condensações e deslocamentos ocorrem também na psicanálise e constituem o seu conceito maior: o inconsciente e a realidade psíquica, que também são atemporais, podendo condensar e deslocar conteúdos. Está nesta relação o campo fértil das reflexões, mitologia e psicanálise obedecem a um mesmo mecanismo, funcionam similarmente para expressarem e simbolizarem suas mensagens.

A presença da mitologia e dos mitos na obra de Freud se mostra marcante. O autor recorreu a muitas histórias de ordem mitológica tanto para ilustrar quanto para construir os conceitos de sua teoria psicanalítica.

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Esta forte presença nos leva a uma questão: porque Freud recorreu aos mitos? Quando ele os descobriu? Em quais momentos de sua obra esses conteúdos mitológicos aparecem?

Sabemos que Freud utiliza os conteúdos mitológicos em toda a sua obra e essa utilização para a ilustração de seus conceitos e afirmação de sua teoria nos coloca frente à resposta de que Freud tinha os mitos como recursos por considerá-los um caminho para a formação da consciência, símbolos da cultura, de forma que assim, podia-se considerar o mito também como caminho do inconsciente para o consciente. Para Freud os mitos davam a possibilidade de pensar as marcas da humanidade, a constituição do mundo e dos indivíduos.

Freud tem a mitologia como parte de sua formação, os mitos e histórias gregas estão presentes em sua educação e cultura. O autor descobriu os mitos bem antes da fundação e estruturação de sua teoria psicanalítica. E os mitos, principalmente os referentes à Mitologia Grega, eram a grande paixão do autor e de sua filha Mathilde e estão ligados aos sonhos de Roma relatados pelo autor em sua obra. Como Anzieu(1989, p.129) colocou:

A paixão pela mitologia grega é tanto de Freud como de sua filha mais velha; este deslocamento de interesse, em relação aos sonhos precedentes, de Roma para a Grécia, indica uma tentativa de Freud de nela encontrar alguma resposta para os problemas do aparelho psíquico.

Desta forma podemos considerar que para Freud os mitos eram tomados como um modo de significação, uma simbologia.

Freud recorreu aos mitos pela primeira vez na sua auto-análise, ou seja, na análise de seus próprios sonhos pode estabelecer conexões e se referir, estabelecendo analogias e comparações com os heróis da Mitologia Grega e Romana.

Após ter tirado seus exemplos das regras que ordenavam a combinação dos corpos ou das palavras, a função simbólica, que Freud pressente no sonho, é reconhecida no mito, conjuntos de regras que ordenavam para os antigos o destino humano.(ANZIEU,1989,p.150).

No caminho de sua auto-análise Freud pode correlacionar vários de seus sonhos e assim formular algumas conclusões e rever outras, fatores de grande importância para o desenvolvimento da Psicanálise. Quando teve que desistir de sua “teoria da sedução” que se baseava na idéia de que as neuroses eram devidas às seduções e violações reais, entrou em contato então com a questão das fantasias inconscientes e pode perceber que a sedução nas histéricas fazia parte das fantasias dessas mulheres. Porém, só quando pode recordar fatos da sua infância e perceber em suas lembranças o desejo sexual que sentiu pela mãe ao vê-la desnuda, entrando assim em contato com o desejo infantil pelo progenitor do sexo oposto, é que pode então dar continuidade à sua teoria.

Em sua correspondência com Fliess relata suas percepções e coloca então a relação com o mito de Édipo que posteriormente dará nome à sua teoria. Freud – Fliess(1897,p. 273)

Uma única idéia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora

considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornarão históricas. Se assim for, podemos entender o poder da atração do Édipo Rei, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o “teatro da fatalidade” estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitrária individual, como se pressupõe Die Ahnfrau e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia, foi, um dia, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda gama de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual.

Nesse momento Freud pôde concluir que o mito de Édipo é universal e segundo Anzieu (1989) realizou um movimento tríplice: subjetivo, objetivo e autofigurativo. A descoberta de uma verdade universal, a descoberta de si próprio e a descoberta dela mesma, pois, Freud ao descobrir o Complexo de Édipo pôde simbolizar o seu próprio complexo e assim, dentro dessa universalidade, estabelecer as diferenças entre realidade psíquica e material conquistando assim o inconsciente, uma das estruturas essenciais de sua teoria.

Nesse momento é descoberto o inconsciente (realidade psíquica) e as fantasias edípicas, que virão mais tarde a constituir o complexo de Édipo, que será alçado a “complexo nuclear das neuroses” organizador central da sexualidade e da personalidade adulta. Além disso, será também considerado o mito fundador de toda a civilização, conforme descrito posteriormente em Totem e Tabu (1913). (LEWKROWICZ,2006, p.88)

Após a consolidação da teoria psicanalítica, Freud apressou-se a utilizar a sabedoria e a lógica profunda dos relatos míticos, uma vez que a leitura destes possibilitava um olhar diferente, e como coloca para Fliess em 1897 “(...)os mitos, as lendas, as crenças religiosas, são projeções do mundo exterior, “da obscura percepção interna pelo sujeito, de seu aparelho psíquico”.

Os mitos estiveram ligados às idéias mestras do autor e assim, podemos ver, percorrendo toda a obra de Freud, pontos de entrecruzamento entre mitologia e psicanálise.

A asserção de que é possível deslocar uma intensidade psíquica de uma representação (que é então abandonada) para outra (que daí por diante desempenha o papel psicológico da primeira) é tão desnorteante para nós quanto certas características da mitologia grega — por exemplo, quando se diz que os deuses vestem alguém de beleza como se esta fosse um véu, enquanto nós pensamos apenas num rosto transfigurado por uma mudança de expressão.(FREUD, 1899, p.292).

Na Psicologia dos Sonhos - *A interpretação dos sonhos (1900)*, uma das etapas da auto-análise de Freud, por onde o autor estabeleceu a ligação com o mito de Édipo, podemos encontrar outras associações com os mitos, como quando um dos seus pacientes, proibido pelo pai de masturbar-se quando criança se associa a Zeus, o deus grego que surge de seu esconderijo com uma foice, para decepar o órgão genital de seu pai Cronos, deixando-o castrado. Nesta fase, Freud sem a denominar, pôde descrever a angústia de castração sentida por seu paciente e posteriormente estabelecer a ligação entre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Freud(1900) pontuou que as obscuras informações trazidas pela mitologia e pelas lendas da sociedade humana nos levam a uma imagem despótica do pai e da crueldade com que ele usava o seu próprio poder. O autor coloca sobre isso baseado na narrativa mitológica em que o rei Cronos devora os seus filhos e seu filho Zeus o castra ocupando o seu lugar e ficando ele então no lugar de chefe da família, rei soberano que obtivera o poder que antes pertencia ao próprio pai.

Ao analisar o conteúdo dos sonhos e relacioná-los com a mitologia, Freud (1901) pôde expressar suas idéias sobre os sonhos como representações de desejos inconscientes e estabelecer as diferenças entre a realidade psíquica e a realidade material, estruturando os pilares do pensamento psicanalítico e de sua teoria.

Em 1913, Freud escreveu *O tema dos três escrínios*, texto que faz inicialmente uma discussão sobre as histórias mitológicas e sua relação com os conteúdos humanos. O autor se referiu neste texto a um de seus discípulos, Otto Rank, e colocou que para ele, assim como para Rank, o que interessa nos mitos é o conteúdo humano presente em cada um deles.

A partir desta relação da mitologia com a humanidade, Freud pode analisar e relacionar a mitologia à obra de Shakespeare e refletir sobre a mulher e a questão da escolha. *O tema dos três escrínios* em algumas traduções aparece como *O motivo da escolha dos cofrinhos*, e fala da mulher a partir da representação do cofre, sendo então a história da escolha dos cofrinhos um tema que se relaciona com o conteúdo humano da escolha de um homem entre três mulheres, como também à representação e simbologia da mulher na mitologia e na sociedade.

Examinemos novamente nosso material. Na épica estoniana, tal como no conto oriundo das Gesta Romanorum, o tema é uma moça que escolhe entre três pretendentes; na cena de O Mercador de Veneza, o assunto é aparentemente o mesmo, mas, ao mesmo tempo, nele aparece algo com o caráter de uma inversão do tema: um homem escolhe entre três — escrínios. Se aquilo em que estamos interessados fosse um sonho, ocorrer-nos-ia em seguida que os escrínios são também mulheres, símbolos do que é essencial na mulher, e portanto da própria mulher — como arcas, cofres, caixas, cestos etc. Se corajosamente presumirmos que há substituições simbólicas do mesmo tipo também nos mitos, então a cena do escrínio em O Mercador de Veneza tornar-se realmente a inversão que suspeitamos. Com um aceno de varinha de condão, como se estivéssemos num conto de fadas, despojamos de nosso tema a indumentária astral e agora percebemos que ele é um tema humano, a escolha de um homem entre três mulheres.(FREUD, 1913, p.320, vol. XII).

Dentro desse caminho de compreensão da constituição do indivíduo e do funcionamento do aparelho psíquico Freud pôde em *Sobre o Narcisismo: uma introdução(1914)*, mais uma vez utilizar um recurso mitológico para falar de suas descobertas. Ao deparar-se com a história de Narciso, que se apaixonou pela própria imagem e que ao morrer foi transformado em uma flor, Freud associou à sua teoria de que existem pessoas, que no curso de desenvolvimento, tem a libido afastada do mundo externo e dirigida para o próprio ego e denominou essas pessoas de *narcisos*, mesmo nome do protagonista da lenda.

Assim também fez em *Totem e Tabu (1913[1912])* quando falou das questões do mundo e visualizou o caráter atemporal da organização social e às questões ligadas ao totemismo e à proibição do incesto, referindo-se em vários momentos aos

personagens e deuses da mitologia grega e concluindo posteriormente, que o sistema totêmico é produto das condições presentes na fase do Complexo de Édipo, não matar o totem e não ter relações sexuais com ele. Sendo estes os dois crimes de Édipo, que matou o pai e se relacionou incestuosamente com a mãe, Freud pode concluir que o começo da religião, da moral, da sociedade e da arte estão interligados com a questão do Complexo de Édipo, que é para a Psicanálise o núcleo de todas as neuroses, e outro dos mitos por nós escolhido.

Tais reflexões possibilitaram também ao autor um olhar para os problemas da Psicologia Social, e ele considerou, neste momento, que as questões sociais podiam ser resolvidas embasando-se no relacionamento do homem com o pai. Freud (1913[1912]) colocou que a partir de sua investigação, pode demonstrar que o começo da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o Complexo de Édipo e que tal acepção entra em consonância com a questão do autor considerar tal complexo o núcleo de todas as neuroses, uma vez que assim pode pensar que a relação do homem com o pai se encaixe nas questões que resolveriam pontos de discussão da psicologia social.

Desta forma, podemos perceber que em *Totem e Tabu* (1913[1912]), texto do autor que se refere às constituições do social e da organização da sociedade, a mitologia está fortemente presente, com seu caráter atemporal e suas simbologias que também procuram explicações para a humanidade e permitem assim, na rica união de mitologia e psicanálise, que as idéias do autor sejam exemplificadas e explicadas, possibilitando o entendimento.

O contraste entre ‘sagrado’ e ‘impuro’ coincide com uma sucessão de dois períodos da mitologia. O mais antigo desses dois períodos não desapareceu completamente quando o segundo foi alcançado, mas persistiu no que foi considerado como uma forma inferior e finalmente desprezível. [Ibid., 312.] É uma lei geral da mitologia, afirma ele, que uma fase que tenha passado, pelo próprio motivo de ter sido superada e impelida para baixo por uma fase superior, perdura numa forma inferior ao lado da posterior, de modo que os objetos de sua veneração se transmudam em objetos de horror. (FREUD, 1913[1912], p.43).

Na obra em que se dedica ao estudo de Leonardo Da Vinci, *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*, Freud(1910) também recorre à mitologia para explicar e explicitar seus argumentos quanto à sexualidade e à representação da androgenia na arte, e pode pontuar que a mitologia já trazia representações da constituição andrógena, a combinação de partes femininas e masculinas em um único, s nas divindades gregas.

Nesta obra o autor também coloca em pauta a questão dos papéis femininos e masculinos na representação artística e pontua a concepção mitológica já trazia a idéia de que somente a união desses elementos femininos e masculinos é que se consegue o caráter e a concepção divina.

Em suas reflexões sobre a arte Freud (1910), quer entender o porquê da presença do falo na representação artística do corpo feminino, recorrendo novamente à mitologia em que em 1910 pode encontrar na mitologia explicações que diziam que adicionar um falo ao corpo feminino trazia a representação da força primitiva criadora da natureza e de que estas simbolizam a idéia de que somente na união do masculino com o feminino é que se consegue de fato representar a perfeição divina.(Freud,1910,p.101).

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Na Conferências X – *Simbolismo nos sonhos*(1916[1915]), Freud estabelece uma ligação entre a representação dos genitais femininos nos conteúdos dos sonhos à representação da mulher na mitologia.

Se os senhores puderem se surpreender com a freqüência com que as paisagens são empregadas nos sonhos para representar os genitais femininos, podem aprender da mitologia geral qual o papel desempenhado pela Mãe Terra nos conceitos e cultos dos povos da Antigüidade, e como sua visão da agricultura era determinada por esse simbolismo. O fato de, em sonhos, um quarto representar uma mulher (...)Parece-me mais provável que um aposento se tornou símbolo de mulher por ser o espaço que encerra seres humanos. Já verificamos que ‘casa’ é usada em sentido semelhante; e a mitologia e a linguagem poética nos possibilitam acrescentar ‘cidade’, ‘cidadela’, ‘castelo’ e ‘fortaleza’ como outros símbolos para ‘mulher. (FREUD,1916[1915],p. 164).

Já, em 1917, na conferência XXIV – *O estado neurótico comum* (1917), Freud fez alusão à aplicação da técnica da psicanálise aos estudos das religiões, da civilização e da mitologia e pode assim demonstrar a ampliação da aplicação da esfera da psicanálise e pontuar como foco da psicanálise a descoberta e o desvelamento do que é e está inconsciente.

Nesta mesma época Freud retomou assuntos discutidos em *Totem e Tabu* (1913-1914). Na *Conferência XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917) novamente utilizou de preceitos da mitologia para seus argumentos. Assim, Freud retomou ao Complexo de Édipo e à história deste ao discutir a organização sexual e a libido, e nesta ligação coloca que a atividade analítica, nos estudos e na busca da compreensão das neuroses, só faz confirmar tudo o que é descrito pela lenda e assim conclui que o Complexo de Édipo pode ser considerado o núcleo das neuroses.

Pôde também nesta obra referir-se aos trabalhos de seu contemporâneo e discípulo Otto Rank que em seus estudos, segundo Freud(1917) compreendeu a universalidade do mito de Édipo e descobriu o uso deste em épocas anteriores à psicanálise, como também pôde colocar que em todos os tempos os dramaturgos e poetas recorreram aos conteúdos do mito de Édipo e do incesto como temas centrais de suas histórias. Assim, pode perceber que os desejos criminosos de Édipo, considerados por ele os representantes da vida dos instintos, já eram utilizados bem antes do surgimento da psicanálise .

Neste mesmo texto, Freud ao ligar o Complexo de Édipo ao núcleo das neuroses, faz uma conexão com a psicologia dos sonhos, seu primeiro ponto de descoberta e de relação com a história de Édipo, e assim pode acrescentar explicações às proposições feitas anteriormente e explicar de forma lógica o porquê dos estudos dos sonhos virem antes dos estudos dos sintomas neuróticos, demonstrando desta forma a conexão das obras de Freud, em consonância com a evolução de seu pensamento.

Seguindo o curso do pensamento de Freud e a presença da mitologia neste, como também em sua obra, chegamos à fase em que o autor reflete e discute sobre a importância e a aplicação da psicanálise. Em *Sobre o ensino da Psicanálise nas Universidades* (1919), Freud, ao discutir a importância e relevância do ensino da psicanálise nas universidades, coloca também sobre as várias possibilidades de aplicação e de contribuição para as outras ciências. Neste ponto, o autor se refere aos

estudos mitológicos e às contribuições dadas a estes deixando em aberto o estudo da psicanálise aos outros ramos da ciência e não a fechando somente ao saber médico.

Quando redige o trabalho - *Dois Verbetes de enciclopédia - Verbetes A-Psicanálise* (1922), Freud novamente recorre aos estudos de Otto Rank para falar da relação da psicanálise com a mitologia, associando-a aos conteúdos oníricos, colocando então que foi descoberto que os problemas mais interessantes e insolucionados pareciam ser parte de um aparelhagem mental herdada e antiga, e que fazem parte de um simbolismo comum.

Após muitos de seus estudos, em 1924, Freud escreve *Uma breve descrição de psicanálise*, em que procura dar um panorama geral de sua descoberta e refletir sobre as tarefas e aplicações desta.

Neste texto, ao discutir sobre a aplicação da psicanálise às variadas esferas da atividade mental, o autor trouxe resultados importantes que antes não haviam sido atingidos e problematizados. Freud recorreu então, ao estudo considerado por ele como excepcionalmente valioso, de Otto Rank e Hanns Sachs (1913) em que tentaram reunir o trabalho da psicanálise ao trabalho de Otto Rank em que os conteúdos dos mitos e dos contos de fadas são ligados ao conteúdo dos sonhos e à realização de desejos inconscientes.

Entre essas criações, cuja vinculação com um inconsciente incompreensível sempre foi suspeitada, estão os mitos e as obras da literatura imaginativa e da arte, e as pesquisas da psicanálise realmente arrojaram luz em abundância sobre os campos da mitologia, da ciência da literatura e da psicologia dos artistas. Basta mencionar a obra de Otto Rank como exemplo. Demonstramos que os mitos e os contos de fadas podem ser interpretados como sonhos, traçamos os caminhos sinuosos que levam da premência do desejo inconsciente à sua realização em uma obra de arte sobre o observador e no caso do próprio artista tornamos claro seu parentesco emocional com o neurótico bem como sua distinção deste, e apontamos a vinculação existente entre sua disposição inata, suas experiências fortuitas e suas realizações. A apreciação estética de obras de arte e a elucidação do dote artístico não estão, é verdade, entre as tarefas atribuídas à psicanálise. Mas parece que a psicanálise está em posição de denunciar a palavra decisiva em todas as questões que afloram a vida imaginativa do homem. (FREUD, 1924, p.232).

Nesta ligação da psicanálise com a mitologia, e destas expressões artísticas como realizações de desejos inconscientes, podemos pensar na consideração da mitologia como uma forma de acesso ao inconsciente e assim aliá-la a psicanálise, chegando então a 1926, quando Freud, ao discutir a questão da análise leiga no texto *A questão da análise leiga*, levanta pontos do que seria necessário para ser um analista e a mitologia aparece como sendo um dos fatores que esta fora da clínica do médico mas que pode trazer grandes colaborações para o trabalho analítico, conteúdo considerado pelo autor muitas vezes mais importante do que muitas coisas ensinadas nas escolas de medicina e que “não é de utilidade alguma para suas finalidades” (Freud, 1926, p.236).

Dentro de nosso raciocínio em psicanálise, a referência de Freud ao uso da mitologia pelos aspirantes à psicanálise se torna algo lógico uma vez que a pedra angular dos preceitos psicanalíticos e do desenvolvimento das idéias de Freud se baseia em uma história de ordem mitológica, a história de Édipo.

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Idéia que se confirma em 1933, quando o autor escreve sua *Conferência XXXII - Ansiedade e Vida instintual*, em que faz uma analogia da vida instintual à mitologia, e pode assim discutir a base de sua teoria dos instintos colocando características mitológicas.

A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. Os senhores sabem como o pensamento popular lida com os instintos. As pessoas supõem existirem tantos e tão diversos instintos quantos aqueles de que elas necessitam no momento — um instinto de auto-afirmação, um instinto de imitação, um instinto lúdico, um instinto gregário e muitos outros semelhantes. As pessoas os pegam, por assim dizer, fazem cada um deles desempenhar sua função particular, e, depois, os dispensam novamente. Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todos esses pequenos instintos ad hoc, escondia-se algo sério e poderoso, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela. (FREUD, 1933, p.98).

Nesse trecho da Conferência XXXII, Freud, em um de seus últimos trabalhos em que utiliza a mitologia explicitamente, possibilita que resgatemos o caráter desta forma de expressão. Ao dizer que a vida instintual é a mitologia da psicanálise, Freud sugere que não podemos desprezá-la nem um só minuto, nos levando a pensar, dentro desta analogia, que não podemos desprezar, quando estudamos psicanálise, os estudos mitológicos. Mesmo que tenhamos medo do que iremos encontrar ao examinar, tanto os instintos, como os mitos, pois acreditamos existir neles algo poderoso e sério, devemos nos aproximar deles com cautela, de modo que possamos buscar a manifestação do inconsciente a que a mitologia e os instintos estão ligados.

Podemos pensar então que, para Freud, a mitologia assim como os instintos, está ligada à vida e nela existem inumeráveis histórias para cada ponto de relação com a humanidade e então podemos encará-la como fonte de reflexão da existência humana, ampliando nossa compreensão da vida psíquica.

Neste caminho de busca pelas passagens na obra de Freud em que o autor faz referência à mitologia notamos que ela faz parte de todo o seu pensamento psicanalítico como também de todos os pilares que estruturam a sua teoria. Tal fato nos possibilita a confirmação de que a união de mitologia e psicanálise se constitui como um solo fértil para a leitura do humano e de suas mais variadas manifestações, sendo como o próprio autor coloca em 1926, os estudos da mitologia e de suas narrativas de grande contribuição para o estudo e o desenvolvimento da teoria psicanalítica, uma vez que estas dialogam em uma antiga relação.

Emidio, T. S., Hashimoto, F. (2010) Stories of an old relationship. an understanding of the presence of mythological content in the construction of psychoanalytic thought of Sigmund Freud. *Revista de Psicologia da UNESP 10(1)*, 24-38.

Abstract: *The use of mythology as a resource in the construction of Freudian thought and contributions relevant to the use of these outbreaks are of relevance to the development of psychoanalytic studies. This is primarily to discuss the design and conceptualization of myth and mythology, the following route through the Freudian and understand the various arguments used by the author to connect the mythology in the construction of psychoanalysis, psychoanalytic thought, trying to highlight the aspects of this connection and opportunities for reflection and understanding of psychoanalytic concepts that the mythological narratives provide.*

Keywords: *mythology; psychoanalysis; Freud.*

Referências

Anzieu, D.(1989) A auto-análise de Freud e a descoberta da Psicanálise. Porto Alegre: Artes médicas.

Campbell,J.(1990) O poder do mito. São Paulo: Palas Athena.

Campbell, J. (1994) A imagem mítica. Campinas:Papirus.

Eliade, M.(1989) Mitos ,sonhos e mistérios. São Paulo: Edições 70.

Eliade, M.(1992) O sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes.

Eliade, M.(1972). Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva.

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. III, p.287-309). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899)

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. IV, p.39-303). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. IV, p.371-655). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XI, p.73-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XII, p.311-327). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIII, p.11-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIV, p.75-111). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIV, p.243-265). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XV, p.65). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XV, p.65). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XVI, p.251-476). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XVII, p.183-191). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, p.11-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, p.253-271). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIX, p.189-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925[1924]).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIX, p.211-235). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XX, p.173-241). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XXII, p.85-113). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XXIII, p.151-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).

Histórias de uma antiga relação. uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud

Lewcrowicz (2006) .Psicanálise e mito: algumas considerações sobre Psicanálise e mitos nas realidade atual. In: GUS, M. ; DALZOT,J.S. Freud:releituras brasileiras.Porto Alegre: Casa do Psicólogo- Associação Brasileira de Psicanálise.

Migliavacca, E.(1992) Mitologia Grega, uma luz sobre a apreensão psicanalítica da realidade mental. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

*Recebido em: 03 de maio de 2010
Aprovado em: 25 de julho de 2011*